

O USO DAS TECNOLOGIAS NO ENSINO REMOTO: A VISÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PELOTAS/RS

MARCELLI DE LIMA FERREIRA¹; ROBLEDO LIMA GIL²

¹Universidade Federal de Pelotas – marcelli.lf@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – robledogil@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde o começo da pandemia ocasionada pelo COVID 19, as escolas tiveram que adotar o ensino remoto emergencial. O processo de globalização da economia e da comunicação, a evolução das tecnologias e de uma consciência de mundialização em rede têm provocado mudanças acentuadas na sociedade, impulsionando o nascimento de novos paradigmas, modelos, processos de comunicação educacional e novos cenários de ensino e de aprendizagem digital (GARRISON; ANDERSON, 2005).

Os professores quase que obrigados, tiveram que se reinventar, porque as escolas passaram a ter as atividades letivas presenciais suspensas. Desde então, discentes e docentes migraram para a realidade online, transpondo metodologia e práticas pedagógicas que, antes eram presenciais e realizadas em típicos territórios de aprendizagem, naquilo que tem sido designado como ensino remoto emergencial. Então, a nova realidade dos professores acabou tendo como objetivos de aprendizagem gravar vídeos dos conteúdos, aprenderam a utilizar plataformas online de ensino como o "Google Classroom", "Moodle", "Zoom", entre outros. No entanto, essas tecnologias estão sendo usadas como um instrumento de alcance aos alunos, mas na maioria das vezes não efetivando a qualidade de ensino. Mais do que a transferência de práticas presenciais surge agora criar modelos de aprendizagem virtuais que incorporem processos de desconstrução e que promovam ambientes de aprendizagem colaborativos e construtivistas nas plataformas escolhidas (MONTEIRO; MOREIRA; ALMEIDA, 2012; MOREIRA, 2018). Mas fica o questionamento sobre como proceder para realizar esta transição e como realizar as aulas síncronas e assíncronas de forma efetiva.

O cenário da pandemia trouxe novas e velhas reflexões e preocupações para o campo educacional, tais como “[...] as condições de trabalho do docente, a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, a relevância e o significado dos temas a serem abordados, o desenvolvimento de práticas pedagógicas centradas no estudante [...]” (MARTINS, 2020, p.251). O planejamento pedagógico em situações atípicas exige resolução criativa dos problemas, demandando transposição de ideias tradicionais e proposição de estratégias pedagógicas diferenciadas para atender à demanda dos estudantes e professores (HODGES, 2020).

Para este trabalho, objetivou-se verificar de que forma o uso das tecnologias impacta nas atividades de sala de aula na visão de estudantes do ensino fundamental e médio de duas escolas públicas do município de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

Para esta pesquisa, foi aplicado um questionário semi-aberto através do Google Forms, totalizando sete perguntas para as turmas do ensino fundamental e médio das escolas “Instituto Estadual de Educação Assis Brasil” e “Escola Estadual Ensino Médio Santa Rita”, respectivamente. Cabe salientar que o instrumento de coleta de dados apresentava seis perguntas de múltipla escolha e uma dissertativa (divulgado, prioritariamente, via WhatsApp e também pelo Google Classroom. O link de acesso ao formulário permaneceu ativo de 12 de maio a 05 de junho de 2021, sendo o número total de respondentes foi de 81 discentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Indagados se estavam tendo **dificuldades para realizar as tarefas**, mais da metade (63%) dos respondentes afirmaram que não conseguiam se concentrar para realizar as atividades propostas pelos professores em casa. Isso pode estar relacionado ao fato de os estudantes, na sua maioria, serem oriundos de classes sociais mais baixas, vivendo em casas que possuem espaços pequenos, onde, muitas vezes, não se tem lugar para estudar. Outro ponto que podemos ressaltar é que durante o distanciamento social, pais, avós e irmãos também podem estar em casa, o que pode ser uma fator a mais que dificulta os estudos dos alunos. Para os discentes - das dificuldades de aprendizagem, de adequação à nova rotina e de concentração no ambiente familiar, isso seria um dos motivos da baixa participação, principalmente por problemas psicológicos aflorados na pandemia. Diante disso, ao analisar o sofrimento dos brasileiros no período de isolamento social, GANDRA (2021), relata uma elevação dos adoecimentos mentais, estando relacionados aos pilares tempo, espaço e condições.

A segunda pergunta consiste em saber **como eles acessam a plataforma “Google Classroom”** e a maioria afirmou que utiliza o celular com 67% dos resultados, em segundo lugar ficou o computador/notebook com 32,4%. De acordo com a pesquisa feita pelo artigo “Exclusão nada remota” 4,8 milhões de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos, no Brasil, vivem em domicílios sem acesso à internet — o que corresponde a 18% dessa população. Se levar em conta a forma de acesso, 58% dos brasileiros, nessa faixa etária de crianças e adolescentes brasileiros, entre 9 e 17 anos, não têm acesso à internet em casa. 58% dos jovens acessam à internet exclusivamente pelo celular — o que pode dificultar a execução de tarefas relacionadas a aulas remotas emergenciais durante a pandemia (STEVANIM, 2020).

A terceira pergunta era referente a **quais meios eles utilizam para obter internet**. Deste percentual, mostrou-se que, em grande maioria (98,6%) dos alunos utilizam o Wi-fi para se conectar à internet. Isso deve-se aos pais já pagarem por este serviço de internet em casa, que acaba sendo mais econômico pela capacidade ilimitada do uso da internet, pois, o 3G além de ser precário, torna-se mais caro por ter que pagar uma conta a mais do chip utilizado.

A quarta pergunta se refere em **saber se os discentes possuem ajuda dos familiares em casa**. Nosso estudo aponta que 66,2% afirmam não receber ajuda. Esse resultado já era previsto, pois, a dificuldade dos pais em orientar as atividades escolares, considerando o nível de escolaridade familiar, especialmente os pais dos alunos da rede pública, também se constitui um entrave nesse momento. Outros problemas enfrentados pelos pais, referem-se a: a) ausência de computadores em suas casas, já que utilizam os dispositivos móveis para acessar a rede internet; b) a falta de experiência com a interface das plataformas que vêm sendo utilizadas para os encontros virtuais, como Google Meet, Teams, Zoom, entre outros; c) a

dificuldade em mediar as atividades que seguem a sequência prevista para as aulas presenciais, exigindo dos pais conhecimento e estratégias para ensinar aos filhos os conteúdos que são cobrados e não ensinados pelos professores (ALVES, 2020).

A quinta pergunta ressalta que mais da metade dos discentes (70,4%) demonstram **desmotivação para as aulas síncronas e assíncronas**. Crianças e adolescentes vêm resistindo a essa rotina, pois acreditam que estão de férias, já que estão em casa. Tal percepção tem gerado situações de estresse para eles e seus pais; os pais se sentem impotentes frente as situações indicadas acima, especialmente no que se refere a ausência, muitas vezes, de um espaço específico para os estudantes realizarem as tarefas e participarem das interações virtuais de forma privada, já que a família está em casa todo o tempo. Outro aspecto, refere-se às frustrações especialmente das crianças da educação fundamental, que querem participar e as professoras não conseguem chamar todos os alunos nos encontros virtuais (ALVES, 2020). Vale destacar que, apesar de acreditarmos que as crianças e adolescentes têm expertise para interagir com plataformas digitais, por conta das suas interações com jogos e aplicativos, a relação que é estabelecida nesses ambientes para promover a educação remota é bastante diferente e muitas vezes desprazerosa (ALVES, 2020).

A penúltima pergunta do questionário, visa **entender se os alunos realizam as tarefas propostas pelos professores**. Desta forma, 52,1% respondeu que as vezes realizam e um pouco menos (42,3%) respondeu que realizam todas as tarefas. Já, a última pergunta, demonstra que os mesmos não se sentem motivados a realizar as atividades propostas por uma série de fatores. Como por exemplo, o excesso de atividades publicadas pelos docentes, atividades fora da plataforma “Google Classroom”, dificuldade de aprendizagem sem a presença do professor (principalmente na área de exatas), dificuldade de concentração, trabalho junto ao estudo, entre outros problemas relatados. A pandemia não dificulta o ensino apenas pelos problemas de acesso à tecnologia digital por uma parcela dos estudantes, também o papel da escola como espaço de interação e desenvolvimento é afetado. Por isso, não basta pensar alternativas para a “entrega de conteúdo” aos estudantes, como se somente isso garantisse o processo de aprendizagem (STEVANIM, 2020). A partir disto nota-se que a falta de interação afeta a produtividade dos discentes.

4. CONCLUSÕES

A proposta de educação ofertada por meios tecnológicos sempre trouxe alguns obstáculos, principalmente pela falta de preparo/capacitação dos professores no manuseio de suportes tecnológicos (ROSA, 2020). É muito importante que os cursos de atualização dos docentes proporcionem várias estratégias de ensino modernas, como o uso de equipamentos de informática, para aperfeiçoar o modo de ensino. Inesperadamente, por conta da pandemia do coronavírus, os docentes passaram a ajustar os planos de aula, focalizar em novas estratégias e adaptaram os espaços nas suas casas tentando assim adequar o ensino presencial a realidade do ensino desenvolvido a distância (GOLDBACH; MACEDO, 2007).

Contudo, olhando pela visão do professor, os mesmos se fazem reféns de como assegurar a participação e audiência dos estudantes, pois, eles também são pais, mães que possuem obrigações como cuidar da casa, dos filhos, já que trabalham em home office. Isso gera estresse e desmotivação para fazer uma aula diferenciada no ensino remoto.

De ante dos fatos demonstrados acima, se faz necessário que seja disponibilizado aos docentes um mini-curso, onde possam entender que o ensino remoto é diferente do ensino presencial, dessa forma, a utilização de menos conteúdo se torna relevante, pois, devemos pensar na seguinte pergunta, “queremos que os alunos decorem o conteúdo ou aprendam e levem os ensinamentos para a sua vida?”. Seria satisfatório se todos pudessem ler os relatos dos discentes para entender seu lado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, L. (2020). **EDUCAÇÃO REMOTA: ENTRE A ILUSÃO E A REALIDADE. EDUCAÇÃO**, 8(3), 348–365. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365>
- GARRISON, D.; ANDERSON, T. *El e-learning en el siglo XXI. Investigación e práctica*. Barcelona: Octaedro, 2005.
- GOLDBACH, T.; MACEDO, A. G. A. **Olhares e tendências na produção acadêmica nacional envolvendo o ensino de genética e de temáticas afins: contribuições para uma nova “genética escolar”**. Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências, 6, Atas. Florianópolis, SC, 2007. Disponível em: Acesso em: 13 maio.2021
- GRANDA, A. (2021). Janeiro Branco Alerta Para Importância De Cuidados Com A Saúde Mental. Agência Brasil, 2021. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/janeiro-branco-alerta-para-importancia-de-cuidados-com-saude-mental>. Acesso em: 31 jul. 2021.
- HODGES, C. (et al). **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning**. *EDUCAUSE Review*, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn3>. Acesso em: 16 maio 2021.
- MARTINS, R. X. **A COVID- 19 e o fim da Educação a Distância: um ensaio**. *Revista de Educação a Distância*, v. 7, n. 1, p. 242-256, 2020. Disponível em: <https://www.aunired.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/620>. Acesso em: 05 maio 2021.
- MONTEIRO, A.; MOREIRA, J. A.; ALMEIDA, C. **Educação online: Pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais**. Santo Tirso: De Facto Editores, 2012.
- MOREIRA, J. A. **Modelos pedagógicos virtuais no contexto das tecnologias digitais**. In: D. MILL; G. SANTIAGO; M. SANTOS; D. PINO (Eds.) *Educação a Distância. Dimensões da pesquisa, da mediação e da formação*. São Paulo: Artesanato Educacional, p. 37-54, 2018.
- ROSA, R. T. N. **Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus-o COVID-19!**. *Rev. Cient. Schola Colégio Militar de Santa Maria Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil* Volume VI, Número 1, Julho 2020. ISSN 2594-7672. Disponível em: Acesso em: 12 maio. 2021
- STEVANIM, Luiz Felipe. **Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia**. *RADIS: Comunicação e Saúde*, n. 215, p. 10-15, ago. 2020.